



**UNILAB-UNIVERSIDADE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
IHL-INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS
CURSO DE BACHAREL EM HUMANIDADE**

HERCINIA CHENA AZARIAS WASSE

**O PAPEL DOS ENSINAMENTOS ADQUIRIDOS NOS RITOS DE INICIAÇÃO
FEMININA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A INICIAÇÃO FEMININA
(EMWALI) ENTRE OS MACUAS, EM NAMPULA, NORTE DE MOÇAMBIQUE**

Redenção/CE

2017

HERCINIA CHENA AZARIAS WASSE

**O PAPEL DOS ENSINAMENTOS ADQUIRIDOS NOS RITOS DE INICIAÇÃO
FEMININA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A INICIAÇÃO FEMININA
(EMWALI) ENTRE OS MACUAS, EM NAMPULA, NORTE DE MOÇAMBIQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Bacharelado em
Humanidades da Universidade da
Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira como parte
dos requisitos necessários para a
obtenção do título de Bacharel.

Redenção – CE, 21 de Dezembro de 2017.

Nota:

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: Professor Doutor Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Doutor Luís Tomás Domingos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professora Doutora Izabel Cristina dos Santos Teixeira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –
UNILAB

SUPLENTES

Professora Doutora Eliane Costa Santos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professora Doutora Silviana Fernandes Mariz
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

A Deus, que deu me força e coragem para vencer todos obstáculos e dificuldades enfrentadas durante o curso.

Agradeço a minha Querida mãe Marta Maceda por colaborar com a minha formação, por apoiar-me e por acreditar em mim.

Ao meu irmão Narciso Azarias pelo apoio.

Agradeço aos meus tios Max Mathe e Sérgio Alberto; à minha tia Anastácia Alberto, à minha Cunhada Meyvs, à minha Prima Telma Da Laura que me apoiou muito.

Agradeço a Fáusia Da Verônica Eduardo Pafo pelo incentivo e pelo apoio constante.

Agradeço ao Professor Doutor Carlos Subuhana, meu Ilustre orientador, pela oportunidade, pela dedicação que teve a mim ao longo do meu trabalho, por sua compreensão e confiança.

SUMÁRIO

1.		
APRESENTAÇÃO.....		05
2. OBJETIVOS.....		06
2.1. Objetivo geral.....		06
2.2. Objetivos específicos.....		07
3. JUSTIFICATIVA.....		07
4. Problematização/Construção do Objeto.....		08
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....		09
5.1. Ritual.....		09
5.2 Rito de passagem.....		10
5.3 Os ritos de iniciação feminina na cultura macua.....		12
5.4 <i>Emwali</i> : os ritos de iniciação feminina.....		13
5.5 Olaka: intruções da iniciação feminina (emwali) macua.....		15
6. MÉTODOS/DESENO DOS INSTRUMENTOS.....		26
7- CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DE ATIVIDADES.....		17
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		18
9. ANEXOS.....		19
9.1 Anexo I: Roteiro de entrevistas.....		19

1. Apresentação:

Na verdade, cada sociedade tem suas tradições culturais, que são repassadas de geração para geração. Segundo Durkheim (1978, p. 48), a prática dos rituais de passagem ocorre desde os primórdios, porém a sua relevância reside no seu desenvolvimento e imposição silenciosa aos participantes, em sociedades simples ou complexas. As replicações da prática dos rituais demonstram a própria necessidade da sua existência, sendo que ser explicada pelas características a necessidade evolução de cada sociedade.

Para Lakato et al Marconi (1999), referem a cultura como conjunto de crença, arte, moral, leis e quaisquer outras capacidades, costumes que o homem vem adquirir enquanto membro de uma sociedade. Portanto, tudo o que constitui a vida de um povo.

Os ritos de iniciação feminina considerando como uma prática cultural enraizada na comunidade Moçambicana, concretamente entre os macuas da Província de Nampula, uma província localizada a norte de Moçambique, que tem uma área de 79,010km² e uma população de 3, 985.613 habitantes segundo censo registrada em 2009. A província limita-se ao norte com Província do Cabo delgado e pelo Rio Lúrio.

Segundo os estudos (Ministério de educação, 2012), essa prática nem sempre reúne consenso dos seus benefícios, porém atualmente destacando-se que há debates sobre esta prática. Sempre persiste a ideia ou necessidade de melhorar a comunicação com a intervenientes desta cultura, com vista a reduzir os altos níveis de desistências das crianças nos ensinos “escola”.

A referida prática “ritos de iniciação feminina”, em Nampula por naturalidade, educação e a cultura tem-se observado como de ritos onde as crianças relacionadas ao bom comportamento, respeito, trabalho, higiene e outros aspectos socioculturais da sua comunidade e, termina com a realização da circuncisão que é de extrema importância de todo o processo para essa comunidade.

O presente trabalho objetivou-se apresentar a problematização dos ritos de iniciação feminina e a forma como que é interpretada perante a comunidade

ou sociedade em geral. Nesse trabalho pretendem ressaltar a relevância do rito de iniciação feminina, assim como os ensinamentos aproveitadas.

Para alcançar este objetivo propositado, o presente trabalho pretende obedecer a ordem que se segue: a apresentar a problematização “ritos de iniciação feminina” de forma equivocada que a sociedade em geral tem sido interpretar a tal realidade, tudo isso será feita com base nas entrevistas semiestruturadas, seguindo das rodas de conversas, discussões e recolhas de conclusões e sugestões respectivas. Em seguida será completada com trabalhos literários e bibliográficos dos autores.

Sabem que entretanto, as crenças ou ritos são efetivados no sentido de diferentes formas contribuem essencialmente para formação e educação das pessoas. Dessa interpretação para conviverem em sociedade, serão de certa forma influenciadas pelos ritos no contexto onde vivem.

Durkheim (1978), defenderam que os ritos nascem nos grupos a suas funções são fazer emergir manter ou recriar certas ideias atreladas. Portanto nessa corrente e pensamento, não é uma manifestação fechada no tempo e no espaço antes, porém, levar em cima as delimitações físicas das locais onde acontecem, assim tornar-se importante aumentar o conhecimento acerca do tempo de ritos de iniciação feminina nas escolas, porém mostrem desconhecimento ou ignorância da rica demanda cultura.

2..1 OBJETIVOS

2.2 Geral

- Demonstrar a importância do ensinamento via ritos de iniciação feminina perante a comunidade Moçambicana em geral, em espacial entre os macuas de Nampula.

1.1.Específicos

- Averiguar o significado dos ritos de iniciação feminina na reprodução social entre os Macuas de Nampula, norte de Moçambique.
- Analisar a percepção das mulheres da etnia macua quanto aos ritos de iniciação feminina
- Identificar os principais impactos de ritos de iniciação feminina na comunidade macua,
- Caracterizar os principais impactos,
- Sugerir a redução de impactos através de boas práticas e seguras.

3 JUSTIFICATIVA

A prática dos rituais ocorre desde os primórdios. Sua importância reside no seu desenvolvimento, em sociedades simples ou complexas. Sua aceitação e repetição é uma demonstração da própria necessidade de sua existência, sendo que o significado desses eventos pode ser explicado pelas características, necessidades e evolução de cada sociedade. Sabe-se, entretanto, que as crenças rituais e cultos são efetivados e sentidos de diferentes formas e contribuem essencialmente para a formação e educação das pessoas. Através delas, elaboram-se conhecimentos, ampliam-se representações. Durante os dias da primeira menstruação, a rapariga esconde-se e nenhum homem pode vê-la sob pena de ficar cego. Em seguida chama-se a madrinha (Moli), ficando a donzela (Namuali), completamente entregue aos seus cuidados. Ela é fechada num quarto durante seis a sete dias, até passar a menstruação. Só sai acompanhada da madrinha para assistir as várias danças, é ela que lhe prepara os alimentos, sempre sem sal. É ensinada a utilizar ervas medicinais durante o banho, a usar infusões de raízes para dominar as dores, ter cuidado com a sua higiene íntima e vida sexual, a puxar o matís “ithuna” (desfloração dos lábios menores da vagina). Esta operação ritual consiste em queimar rícino (ikurra) e com cinza obtida da mesma fazer-se a dilatação dos

lábios menores e do clitóris, até ao ponto de cobrir toda a superfície vaginal, chegando por vezes a atingirem dez centímetros.

4. Problematização/Construção do objeto:

Em virtude das interpretações equivocadas sobre a comunidade científica, o presente trabalho de um modo em geral é de grande relevância, porém a comunidade científica podem ter o acesso à imensas significados e interpretações culturais sobre os ritos de iniciação feminina e sobre o corpo e a sexualidade que explicam como se constrói a hierarquia e o poder nas comunidades Moçambicana e em particular na etnia macua. E em Nampula-macuas essa tradição explicam como são compostas e acessadas representações coletivas sobre categorias como corpo, mulher, homens, casa mais velha novo o tipo de hierarquia e desigualdade inerentes a cada umas das classes, o que permitem compreender, para além da questão gênero. Segundo Peirano (2003), mostrando que ritos de iniciação feminina pretende trazer uma compreensão mais “nuançada, mais dessa e menos sociocêntrica dos fenômenos contemporâneos.

Para Lima-Mesquitela, apud (1991), são funções dos ritos manter a cultura integrada e estabelecer ligações com o passado dos indivíduos envolvidos, para que eles possam reviver determinadas experiências já vividas por seus antepassados. Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Ao se repetirem, mantêm e estabelecem uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajudam-na a funcionar harmonicamente. Afirmam, também, que os sistemas de rituais existem em todas as culturas, e, entre todos os significados, o mais importante será aquele gerado na cultura de origem do indivíduo pressupondo esse fato, permita ressaltar que há relevância de não deixar a cultura.

Uma da relevância desse tema, ao ver que na província de Nampula, muitas raparigas se apreendem conhecer seu corpo, saber onde tocar para dar e sentir prazer com corpo feminino em presença de corpos masculinos.

5. Revisão bibliográfica

A principal questão teórica deste trabalho é o rito de passagem. Outros temas, como ritual e seus simbolismos, identidade, cultura e ritos de iniciação feminina serão analisados a partir da questão principal.

Ritual

Segundo o Dicionário de Ciências Sociais (FGV, 1987), histórica e etimologicamente o conceito de ritual esteve sempre ligado a fenômenos religiosos e é geralmente enuciado como o comportamento formal e prescritivo sem conseqüências tecnológicas diretas. O ritual seria, enfim, o processo de pôr em relação, dando sentido aos fatos da vida social, como os processos de elaboração de um texto ou de uma dramatização dão sentido às histórias que se quer contar e interpretar. Nessa transição do ordinário ao extraordinário seriam utilizados mecanismos básicos, algumas vezes denominados inversão, reforço e neutralização.

Invertendo normas e padrões sociais, reforçando-os ou neutralizando-os, o ritual enfatizaria alguns aspectos da sociedade em detrimento ou em complementaridade a outros, expondo-os, enquanto alternativas definidas para a vida social. Tradicionalmente, o ritual foi definido como a parte comportamental referente à prática de religião ou magia, por oposição às crenças, representativas dos aspectos dogmáticos do fato religioso. Este era considerado o fato social básico, sua primeira e mais elementar manifestação. Essa seria a visão tanto de W. Robertson Smith quanto de Durkheim. (Cf. FGV, 1987)

Victor Turner (SUBUHANA, 2001), por sua vez, dedica sua obra ao estudo do processo ritual, não mais enquanto produtor de alternativas ideológicas voltadas ou não para a manutenção do statu quo. Turner vê no ritual a possibilidade de atualização da antiestrutura (*communitas*), estados potenciais e liminares da sociedade que constrói, assim, sua transformação, expondo as variantes possíveis de seu destino no que ele chama de drama social. O conceito de estrutura social empregado por Turner continua sendo o da clássica antropologia social inglesa, referido às relações empiricamente observáveis e, portanto, a domínio separado do das representações. A

concepção de Victor Turner implica também uma visão do ritual como processo de mudança de uma estrutura para outra estrutura, de um estado social para outro.

De acordo com Edmund Leach (apud FGV, 1987), o ritual é visto como sendo uma forma privilegiada de comunicação, de envio de mensagens como um código a ser decifrado. Geertz (apud FGV, 1987), por sua vez, afirma que a tarefa da ciência social não é apenas traduzir, mas interpretar, construir e perseguir a invenção do social. Nessa perspectiva, a ciência da cultura se caracterizaria como uma ciência experimental em busca de leis. O ritual é, segundo Geertz (apud FGV, 1987), a essência desse social, as histórias que a sociedade conta sobre si própria. O ritual é o centro da produção da sociedade, porque centro privilegiado do pôr em relação seus elementos, fazendo-os significar.

Rito de Passagem

A expressão **ritos de passagem** foi usada pela primeira vez por A. van Gennep, em 1909, para descrever dois tipos de ritos: os que acompanham a passagem de um indivíduo de um status social para outro, no decorrer de sua vida, e os marcam pontos determinados na passagem do tempo (ano novo, lua nova, solstício ou equinócio). A expressão acabou por restringir-se ao primeiro tipo, atualmente chamado as vezes de ritos de crises existenciais. Os ritos de passagem típicos, no sentido moderno, são os que acompanham o nascimento, a consecução do status de adulto, o casamento e a morte.

Van Gennep (2011) analisou esses ritos numa sequência de três estágios: ritos de separação, ritos marginais e ritos de agregação (ou de estrada, espera ou saída da terra de ninguém intermediária). Os três elementos não se encontram igualmente marcados em todos os ritos de passagem. Segundo Van Gennep, o elemento de separação é mais importante no ritual mortuário, e o de agregação no casamento. Os ritos marginais, que marcam o período em que um indivíduo sai de um status, mas ainda não é admitido no estágio seguinte, são muito visíveis nas cerimônias de iniciação, como é o caso

dos ritos de iniciação feminina entre os macuas, que envolvem os participantes num longo período de espera, afastados de seus contatos sociais normais.

A sacração desses períodos cruciais da vida individual é em si um caso de interesse sociológico, pois trata-se de situações sociais (cf. GLUCKMAN, 2010). Van Gennep chamou a atenção para o simbolismo característico dos ritos de passagem, como, por exemplo, morte simulada e ressurreição, ou a passagem ritual por uma porta ou arcada. Interpretou os rituais de nascimento como significando a separação da criança do mundo dos mortos (ou não-vivos) e sua agregação ao mundo dos vivos.

Segundo Van Gennep (2011, p. 24), a vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, consistem em cerimônias. Toda alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e reações entre o profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano. E o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação especial a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas tendo por término e começos juntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. A cada um desses conjuntos acham-se relacionadas cerimônias cujo objeto é idêntico: fazer passar um indivíduo de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada.

Sendo o mesmo o objectivo, é de todo necessário que os meios para atingi-los sejam pelo menos análogos, quando não se mostram idênticos nos detalhes. Aliás o indivíduo modificou-se, porque tem atrás de si várias etapas, e atravessou diversas fronteiras. Daí a semelhança geral das cerimônias, do nascimento, da infância, da puberdade social, noivado, casamento, paternidade, iniciação nas sociedades religiosas e funerárias. (GENNEP, 2011, p. 24).

Van Gennep (2011, p. 25) afirma que os ritos em sistemas individualistas, seriam ocasiões de totalização, momentos onde é possível

discernir concretamente ou não (dependendo do rito) grupos e categorias, inclusive de pessoas. Deste modo, nossos rituais seriam mecanismos que objetivam a busca da totalidade frequentemente inexistente ou difícil de ser percebida no cotidiano.

Ao falar dos Ritos de Iniciação, Van Gennep demonstra que a Puberdade Fisiológica e a "Puberdade Social" são duas coisas essencialmente diferentes, que só raramente convergem. Segundo o autor, nas moças a Puberdade Física é marcada pelo entumescimento dos seios, o alargamento da bacia, o aparecimento de pelos no púbis e sobretudo pelo primeiro fluxo menstrual. Van Gennep argumenta que é mais conveniente não dar aos Ritos de Iniciação o nome de Ritos da Puberdade, porém, sem negar que existam Ritos da Puberdade Fisiológica, os quais em alguns casos raros coincidem com os Ritos de Iniciação. As moças "são então isoladas, às vezes mesmo consideradas mortas, e depois ressuscitadas." (GENNEP, 2011, p. 72).

5.3 Os Ritos de Iniciação Feminina na cultura Macua

Segundo Martinez (apud MUCOPELA, 2016), os ritos de iniciação são, em primeiro lugar, ritos de separação, com os quais o indivíduo abandona o seu anterior estado social, a infância; em segundo lugar, são ritos liminares, pelos quais o indivíduo vive uma particular transformação da sua personalidade em clima de separação física e social; e, em terceiro lugar, são ritos de incorporação na situação normal da sociedade, pelas quais o iniciado ao deixar atrás de si o período marginal e ambíguo, e se agrega a vida social, na nova condição de adulto, membro da comunidade para todos os efeitos." (MARTINEZ apud MUCOPELA, (2016, p. 115)

A sociedade Macua "ritualiza a passagem da adolescência ao estado adulto para ambos os sexos" (SUBUHANA, 2001, p.48), havendo ritos próprios para os rapazes e ritos de iniciação para as moças. Neste trabalho tratarei, apenas, dos ritos de iniciação das meninas, designados por *emwali*. Os ritos de iniciação feminina (*emwali*) são manifestações culturais de extrema importância na tradição cultural macua. Neles

são ministrados ensinamentos de comportamento familiar, social, conceitos morais, generosidade e fraternidade. Apresenta também a vantagem de reforçar a solidariedade, pois os neófitos de cada ano, provenientes de várias famílias, passam a constituir uma espécie de irmandade. A coesão familiar é também reforçada já que as cerimônias são vividas por todos, com grande intensidade. (SUBUHANA, 2001, p.47)

A finalidade dos ritos de iniciação, segundo Carlos Subuhana (2001), é instruir o/a neófito/a nos costumes, tabus, etiquetas e, de um modo geral, no comportamento que deverá ter como adulto/a, cuja função essencial é a de procriar, isto é, fazer filhos. Com o nascimento e os ritos correspondentes, “a criança ainda não está completamente integrada na sociedade. O seu verdadeiro nascimento social ocorrerá com a participação nos ritos de iniciação [...]” (SUBUHANA, 2001, p.47)

Participando nos ritos de iniciação, de acordo com Subuhana (2001, p. 48), o/a neófito passa a ser *adulto/a* e toma consciência da própria identidade e do lugar que lhe compete na comunidade. O autor citado acrescenta que o crescimento fisiológico difere do crescimento social. A pessoa passa a ser adulta a partir do momento em que passa pela iniciação, não importando a idade. Ser adulto/a é sinônimo de ser iniciada. Depois da iniciação, o/a jovem pode tomar ou fazer parte, de pleno direito, de todas as atividades da sociedade: pode casar-se, falar publicamente nas reuniões e ir aos funerais.

5.4 Emwali

Segundo Mucopela (2016, p. 117) são chamados EMWALI os ritos de iniciação feminina, um termo derivado de MWALI (rapariga que já atingiu à puberdade). Trata-se de ritos de iniciação que incluem a circuncisão ou mutilação genital, tal como se tem ouvido falar de mutilações genitais que, segundo Mucopela, supostamente ocorrem em muitas culturas de países de África Central e alguns da África Austral.

Mucopela (2016, p. 117) afirma que o recrutamento das neófitas não se baseia na idade, mas sim, depende de a rapariga atingir a primeira menstruação (NTSHUPI-menstruação, MWERI), não sendo importante a sua idade fisiológica. Os ritos preliminares, incluem a participação das raparigas ainda não menstruadas que são instruídas (OLELIWA IKANO = receber instruções) progressivamente pelas mais velhas, sobre o respeito, trabalhos

domésticos, cozinhar e outras atividades. Ainda segundo o autor, os verdadeiros ritos começam quando atinge a primeira menstruação.

De acordo com Martinez, (apud MUCOPELA, 2016), ao primeiro sintoma de menstruação, a rapariga, como não sabe do que se trata e pensa que é alguma doença, conta à mãe o que se está a passar.

A mãe, ao ouvir a novidade, dá um grito de alegria, com o qual pretende indicar a importância do acontecimento, ou seja, a chegada da sua menina à condição de mulher. Imediatamente comunica a madrinha (POSYE = madrinha) da sua filha o acontecimento. Como prova da veracidade da sua afirmação, mostra à madrinha a roupa interior da sua filha manchada de sangue. (MARTINEZ apud MUCOPELA, 2016).

Mucopela diz que, segundo a cultura macua, é a partir desse momento que começa o ritual da iniciação da neófito. Nesta primeira fase, tudo será feito só para ela. Para o efeito, segundo Mucopela (2016), são convocadas as seguintes personalidades: a mestra principal NAMUKU MUTOKWENE (mestra principal ou mais velha), com mais quatro ou cinco mestras ANAMUKU (mestras), a madrinha (POSYE), uma anciã chamada mulher da dança MULIPA ANIVAKA (mulher da dança), com algumas mulheres da aldeia encarregadas do ensinamento e da realização de todos os ritos, que consistem principalmente em:

- Explicações sobre o facto fisiológico da menstruação e sobre os cuidados higiénicos a ter, de então para a frente;
- Como se deve comportar com as outras pessoas da comunidade: entre outros ensinamentos é que durante a menstruação não deve falar com os homens e as idosas.
- Em casos excepcionais, deverá falar em voz baixa e de cabeça inclinada para baixo, como forma de respeito ou por gestos.
- Os trabalhos caseiros: preparação da comida, limpeza e cuidados de casa.
- Se a iniciada foi prematuramente casada, ficam proibidas as relações sexuais com o marido, durante todo o tempo dos ritos de iniciação.

Terminada esta fase individual, de acordo com Mucopela (2016), são convocadas todas as raparigas do regulado ou mesmo de outros regulados

vizinhos, que estejam nas mesmas condições e são reunidas na casa do régulo com maior número de iniciadas, para o início das cerimónias conclusivas.

5.5 Olaka: instruções da iniciação feminina

Mucopela (2016, p. 118), num dos capítulos do seu trabalho ressalta os termos OLAKA (dar instruções) e (IKANO, instruções), o que ao completar a expressão predominante seria OLAKA IKANO (dar instruções). Nesta fase, os ANAMUKU “mestras” começam a recordar as iniciadas, todas as instruções dadas na parte inicial, que foi individual, e prosseguem com as instruções que seguirão depois do fim da cerimónia presente. Aqui são instruídas sobre como agir na gravidez e no casamento.

Trata-se de uma fase mais intensiva, que adquire uma totalidade mais formal e abrange a educação em todos os aspetos da vida. Esta educação, segundo Mucopela (2016, p. 118), para além de preparar as jovens para assumirem a sua responsabilidade na sociedade, promove nelas a lealdade às instituições comunitárias (MARTINEZ apud MUCOPELA, 2016, p. 118). As mestras, no seu esforço educativo, usam uma linguagem simbólica acompanhada de gestos, representações mímicas e danças-se de sentenças, provérbios, enigmas, cânticos - formas literárias que ajudam as jovens a fixar os ensinamentos recebidos. Ou seja, trata-se de uma “pedagogia oral e representada.” (SUBUHANA, 2001, p. 63)

Mucopela, citando Brentari & Munuwibane (apud MARTINEZ, 2009) estas instruções têm por finalidade moldar a personalidade da jovem; que para tal, as mestras usam linguagem pedagógica, que pode adquirir a forma de injúrias e insultos, para suscitar nas jovens sentimento de humildade e o desejo de corrigir os defeitos ou de os evitar.

Por outro lado, às neófitas são-lhes explicadas as várias tarefas da vida de casa; os trabalhos próprios da mulher no cultivo dos campos, especialmente no que diz respeito a sementeira; o trabalho feminino na construção de uma casa (reboco e pintura das paredes); a etiqueta social; os vários ritos e festas da sociedade; o comportamento nas viagens e a participação nos funerais.

Sempre que tenham de entregar alguma coisa ao marido, aos pais e a pessoas importantes, devem fazê-lo de joelhos e com as duas mãos.

Em toda a sua extensão, os ritos de iniciação, tanto masculinos como femininos, ressaltam os seguintes valores: Transição vital da infância ao estado adulto, que não é apenas fisiológica, mas representa, fundamentalmente, uma transição que abrange todas as dimensões da vida do indivíduo. Transformação do indivíduo em homem ou mulher, segundo o caso; e encontro do próprio lugar na sociedade. (SUBUHANA, 2001; MUCOPELA, 2016).

Transformar-se em homem (ou em mulher) “é a preocupação de todo o jovem macua.” (MARTINEZ apud MUCOPELA, 2009, p. 119). De acordo com Mucopela (2016, p.119), o jovem, desde o nascimento até ao momento da iniciação, vive estreitamente unido a sua mãe, pelo que o fenómeno de identificação mãe – filho é muito forte, na sociedade macua, durante o período da infância. Entretanto, “os ritos de iniciação servem para que o indivíduo, quebrando o laço materno – infantil, interiorize a sua própria personalidade, se reencontre como pessoa e se confronte com o seu ser e com o facto de estar no mundo.” (MUCOPELA, 2016. p. 119)

6. Métodos/Desenho dos instrumentos:

O presente trabalho será projetado em quatro etapas: a primeira será fazer uma breve revisão Bibliográfica dos livros, documentários realizados no Norte de Moçambique, e que ajudarem na conceitualizar teoricamente o trabalho.

A segunda será feita uma pesquisa, através de entrevistas, com mulheres macua que já passaram pelos ritos de iniciação. As entrevistas serão feitas em Nampula (Moçambique) no decorrer dos recessos e férias Universitária. Segundo Oliveira (2011, p. 36 apud GIL, 1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta. De acordo com Guerra (2014 apud LAKATOS e MARCONI, 2010), com o uso de entrevista podemos

9. Referências Bibliográficas

- AGACINSKI, S. (1999). **Política de sexos**. Madrid: Taurus. Disponível em: www.politicadesexo.com>acesso em: 15 de Agosto de 2017
- ALFERES, V. R. (2002). **Encenações e comportamentos sexuais**: para uma psicologia social da sexualidade. Porto: Afrontamento.
- AMSELLE, J-L. (1985). “**Ethnies et espaces pour une anthropologie topologique**”. In: J-L. Amselle; E. M’boloko. (Orgs.). *Au coeur de l’ethnie, tribalisme et l’État en Afrique*. Paris: La Découverte, pp. 115-120.
- ANRFRED, S. (2010). “Women in Mozambique: Gender Struggles and Gender Politics”. In: M. Turshen. **African Women: A Political Economy**. New York: Palgrave Macmillan.
- AD GENTES/LEIGOS MISSIONÁRIOS DA CONSOLATA. Nza Ku Bonga. In: *Entre povos. Leigos Missionários da Consolata*, 2004. 1 CD (35min). Faixa 5.
- ARAÚJO, Tarso. O fim da faca. O país campeão mundial da extirpação de clitóris torna a prática ilegal, mas esse costume está longe de acabar. **Revista Superinteressante**, Ed. São Paulo, outubro de 2007, Edição 244, p. 45-50.
- DOUGLAS, Mary. “Casamento”. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1987.
- DURKHEIN, E. **Revista ciência sociais**. Ed. Lourece Filho, São Paulo. Vol. 13.p.48.1978
- EDUCAÇÃO DE NACIOANAL. M. **Política de conservação do gênero**. Disponível em: <www.vamosajudarhumanidade.com>Acesso em: 11 de Julho de 2017.
- GENNEP, Arnold, Van, **Os Ritos de Passagem**. Capítulo VII, **Noivado e o Casamento**. Editora, Vozes Ltda, 2011.
- LIMA, A. M. **Ritos e rituais-Vida, morte e marca corporais**. Ed. Santa Maria. Vol.29.p71-86.2010.
- MUCOPELA, Virgílio Mairose. **Abandono escolar em Moçambique: políticas educativas, cultura local e práticas escolares**. 2016.
- TURNER, Victor Witter. **The Drums of Affliction: A Study of Religions Processes among the Ndembu of Zambia**. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- SUBUHANA, Carlos. **A Circuncisão Como Rito de Passagem na Problemática da Cultura Moçambicana: Os Casos da Cultura Yao e da Igreja Católica (inculturação)**. 2001. 131 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia) – IFCS/PPGSA/UFRJ. Rio de Janeiro, 2001

ANEXOS

Anexo I: Roteiro de entrevistas

1. Dados básicos:
2. Nome
3. Idade
4. Cidade e/ou distrito de origem
5. Escolaridade
6. Casada:
 - a) Civil
 - b) Tradicional
 - c) Religioso
7. Quais são as principais razões que sustentam a prática de Ritos de Iniciação Feminina para a comunidade macua?
11. Você já passou pelo rito de iniciação feminina?
8. Com que idade passou pelos Ritos de Iniciação Feminina?
9. Você passou pelos Ritos de Iniciação Feminina na tradição (*macua*)?
10. Quais são as principais consequências e vantagens de ritos de iniciação feminina?
12. Qual o papel principal da madrinha (POSYE)?
13. Qual o papel principal das mestras (WAMUKU)?
14. O que foi feito e/ou comprado para a cerimônia do Ritos de Iniciação Feminina?
15. Fale das etapas do processo ritual (*emwali*), desde o momento do início de Ritual até o final.
16. Porque a comunidade macua ainda mantêm os Ritos de iniciação Feminina?
17. O que a comunidade macua pensa a respeito da importância dos Ritos de Iniciação Feminina na sociedade?
18. De quem foi a ideia de fazer com que você passasse pelo rito de iniciação feminina (*emwli*)? Justifique.
19. Será que existem mulheres de outras étnicas de Moçambique que sonham passar pelos Ritos de Iniciação Feminina (*emwali*)? Sim () Não (). Justifique.
20. Porque é que as mulheres que passaram pelos ritos de iniciação feminina (*emali*) são mais respeitadas em algumas etnias e/ou culturas da sociedade moçambicana?
21. Como é que os Rito de iniciação Feminina (*emwali*) contribui na educação das mulheres?
22. Na sua opinião, os Ritos de Iniciação Feminina (*emwali*) tem que ser proibidos e/ou eliminados? Sim (). Não (). Justifique.

23. Qual e o valor e/ou respeito da mulher que tenha passado pelos Ritos de iniciação Feminina na comunidade macua?
24. Se você ainda não tivesse passado pelos Rito de Iniciação Feminina (*emwali*), como é que te sentirias?
25. Você acha que existem mudanças do jeito que os Ritos de Iniciação Feminina eram feitos antes e hoje?
26. Se sim, quais mudanças?
27. Essas mudanças alteram o valor da tradição (*macua*)?
28. Fale da festa da cerimônia dos Ritos de Iniciação (*emwali*) de uma maneira geral e do seu em particular.
29. A sua cerimônia foi do jeito que você gostaria que fosse?